



O Vale do Imperador | Percurso Geográfico

Gabriel Ferreira

Professor do EBS

gabriel.andre.ferreira@gmail.com

Como citar este artigo:

Ferreira, G. (2017) O Vale do Imperador | Percurso Geográfico. *Revista de Educação Geográfica | UP*, n.2, outubro, p. 91-94. Universidade do Porto.

ISSN

2184-0091

DOI:

<https://doi.org/10.21747/GeTup/2a9>

Secção: Sair

Já se afogava mais cedo o sol de agosto quando partimos. Como destino, uma cidade imperial: Toledo. Mas antes, havia muito viajar (fig.1). O colo que nos viu partir, desta vez, foi o Douro e os seus vinhedos. Partir de um colo assim até parece sacrilégio, mas como em muita coisa da vida, por vezes, é necessário sair do que nos é confortável para renovarmos a alma!

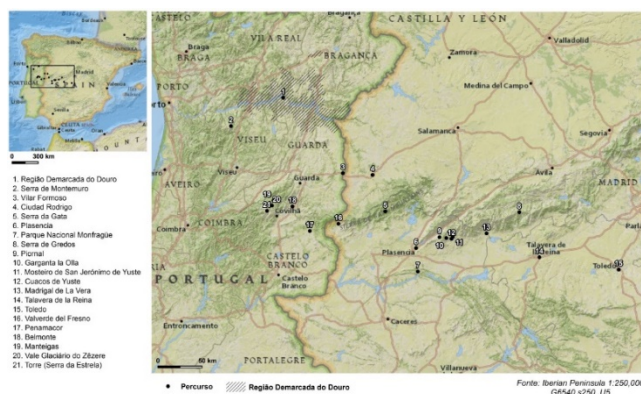


Figura 1 – Percurso efetuado.

Sáímos cedo para ‘arranhar’ o céu nas alturas de Montemuro. A desenhar as curvas da serra acompanhava-me um casal amigo. Três geógrafos e nada por coincidência viajantes, rumam agora a terras de Viriato! Havia que confirmar aqui a nossa portugalidade antes de apontar à Extremadura espanhola.

Há sempre muito a contar destas longitudes planálticas entre Dão e Mondego - e não é por falta de interesse que não lhes dedicamos aqui o nosso tempo -mas desta feita escolheremos letras para decalcarmos uma rota eleita por um imperador.

Os emigrantes portugueses deixavam-nos uma sensação de culpa quando entramos em Espanha pela fronteira de Vilar Formoso... eles despediam-se do retângulo lusitano para ir trabalhar, nós dizíamos um até já para ir passear.

Ciudad Rodrigo estava já ali quando nos desviamos deixando a sua silhueta para trás, rumando a Plasencia. Apesar do agosto tardio o calor era tórrido, com temperaturas a rondar os 40°C. Descíamos já a Serra da Gata - uma das serras do Sistema Central que separa as submesetas norte e sul - sobranceira a um dos muitos vales que vão ondulando a meseta até ao Tejo (ou Tajo como por aqui se diz). Em cada curva apertada a que os italianos chamam 'tornante', saltávamos uma linha de água e, numa ou noutra, alguns banhistas a chapinhar no 'refresco' que destas montanhas escorre.

Entrávamos agora na Extremadura espanhola e aceleramos em linha reta para Plasencia. Nos últimos quilómetros utilizamos uma autoestrada que parece ter querido um dia ligar a Extremadura à Beira portuguesa... algures perto de Penha Garcia e Monsanto. Mas desisti antes e, para já, como no endorreísmo de um rio, deixa morrer o seu asfalto alguns quilómetros antes da fronteira com o nosso país.

A cidade muralhada de Plasencia (Figura 2), fundada por Alfonso VIII no século XII, brindou-nos com a sombra de uma das arcadas que servem de entrada à cidade. Hidratado o corpo depois de muitos quilómetros de copioso calor, ganhamos força para alimentar a mente e percorrer as ruas desta urbe, procurando a penumbra como um oásis.



Figura 2 - Plasencia

Trata-se de uma cidade relativamente pequena mas carregada de história – incluindo vários monumentos classificados como *bien de interés cultural* (figura jurídica de proteção do património histórico espanhol) - e que abre o Vale de Jerte, que percorreríamos no dia seguinte. Agora era tempo de arrancar para o nosso *bungalow* no Parque de Campismo Monfragüe, a poucos quilómetros da cidade e na entrada para o Parque Nacional com o mesmo nome. Pareceu-nos geoestrategicamente situado, no vértice dos dois vales que procurávamos conhecer.

A piscina ajudou a descontraír músculos e temperar a alma antes de privilegiarmos o aconchego do estômago na *Plaza Mayor* da urbe. Muita 'movida', como habitual em terras *de nuestros hermanos*, harmonizava a temperatura ambiente com o calor humano.

O segundo dia levar-nos-ia a dois magníficos vales resguardados à sombra da Serra de Gredos: o Vale de Jerte e o Vale de La Vera. O primeiro é famoso pelos seus cerejais e respetivo fruto. Percorremos a depressão que abriga o rio que dá nome ao vale – definida ao longo do último tramo do desligamento tardi-hercínico Alentejo-Plasencia, reativado pela tectónica alpina - e seguimos pela sua margem esquerda. Como toda a água que escorre da vertente sul da serra, também esta aflui ao Tejo. A estrada desenha os meandros do rio, e nós 'dançávamos' com ele até optarmos pela subida íngreme para o lugar de Piornal (a povoação mais alta da Extremadura), um excelente miradouro natural do qual se obtém uma *bird eye view* sobre o vale...e dobrando o pescoço para trás, para as alturas de Gredos. Estamos a cerca de 1100 m de altitude e, mesmo assim, os mais de 2500m desta montanha avistam-se majestosos.

A sensação era a de cavalgar os dois vales pelo planalto que sai de Piornal, para depois começarmos a descer o desfiladeiro, já virados para o vale de La Vera, que nos levaria a Garganta la Olla, onde percorremos o 'casco antigo' e visitamos a igreja da povoação, mais para esticar pernas e deixar que uma bebida acalmasse homónimas da terra ansiosas! Na descida, pudemos admirar a paisagem de vertentes íngremes onde se encaixavam, como quem esgravata a terra, as marcas da muita neve que por aqui certamente haverá no tempo mais frio.

Dois ou três quilómetros depois da povoação, uma praia fluvial 'piscou-nos o olho', convidando-nos a

apreender a intrincada rede hidrográfica que por aqui se desenha. Neste caso, a praia aproveitava uma piscina natural formada após uma cascata que descia a montanha. A fotogenia foi capturada numa ou outra foto para logo seguirmos em direção ao Mosteiro de San Jerónimo de Yuste (40°6'51"N; 5°44'20"W) - declarado Património Europeu em 2007 - no qual está sepultado o imperador Carlos V (pai de Filipe II, que viria também a ser rei de Portugal e dos Algarves a partir de 1581 e até à Restauração da Independência em 1640), que aqui viveu nos dois últimos anos da sua vida, tendo falecido em 1558.

Para alguém que podia escolher como lar qualquer ponto de um vasto império, Carlos V chamou casa a este pedaço de Espanha e quem o pode censurar?

A paisagem vai destapando entre uma curva e outra a imponência da montanha de Gredos, que aqui, na sua vertente sul, parece mais alta do que quando avistada do seu lado norte.

Deixado para trás o recanto onde se abriga o mosteiro e o Imperador, descemos em direção a Cuacos de Yuste, mas não diretos. Num pequeno patamar à nossa esquerda desmontamos de novo para - com o respeito que é devido a quem já partiu e a um pedaço de história menos luminoso da humanidade - deambularmos por entre as muitas cruces do Cemitério Militar Alemão (Figura 3) (40°6'38.54"N; 5°43'58.44"W). Entre oliveiras repousam os restos mortais, almas já libertadas, de todos os soldados alemães que na primeira ou segunda Guerras Mundiais, perderam em Espanha a sua vida.



Figura 3: Cemitério Militar Alemão, Cuacos de Yuste

Os topónimos não enganam, estamos no Vale de La Vera, com os lugares a adotarem sempre este apelido: Aldeanueva, Jarandilla, Losar, Valverde, Villanueva e Madrigal, todos de La Vera! Pitorescos,

com aquele ar de 'pueblos de montaña', alguns com praias fluviais aproveitando o precioso néctar que por aqui se passeia em abundância, e com muitas esplanadas onde se pode apreciar esse ou outros 'néctares' e retemperar forças. Aqui se destaca a Reserva Natural de la Garganta de los Infiernos (40°13'11.59" N; 5°41'54.23"W), com várias quedas de água que formam piscinas naturais num leito granítico escavado por 'marmitas de gigante'.

Madrigal de La Vera é a última povoação da Extremadura, onde em ato contínuo e sem aviso, entramos em Castilla y Leon. São mais alguns quilómetros até à cidade da Rainha.

A planície amarela, queimada pelo sol, e aquele efeito de éter provocado pelo calor que irradia do asfalto, acentuavam, como se fosse possível acentuar, a canícula que se fazia sentir. Inundávamos a letargia de quem espreita uma sombra como um oásis e de quem, nestas condições, aprecia menos a viagem e mais o destino. E este último, viria a justificar e bem a sujeição ao 'deserto'! Toledo (Figura 4), capital da Espanha visigótica e posteriormente também do Reino de Castela, famosa pela sua produção de aço e que Cervantes descreveu como 'glória de Espanha'. Atente o leitor que é com letra maiúscula, nome de terra portanto, e não o toledo de atravessar o deserto! Empoleirada numa península desenhada pelo Tejo, a cidade imperial – Património Mundial da Humanidade desde 1986 - é de uma beleza arrebatadora! Aquela ponte que a liga ao resto da paisagem! É desta forma que se percebe o que a rodeia, como o resto, tal é a força com que o edificado em Toledo nos arrebatava.

Aquela ponte dizia: começa o espetáculo! É uma cidade que nos recebe por várias portas em forma de arco através das quais somos introduzidos aos arruamentos de empedrado trepadores até à catedral. Carregada de turistas - sim, afinal ainda estamos em agosto- e uma arquitetura destas é muito atraente. É mesmo a prova de que a obra humana pode ser de uma inspiração que ombreia com a arquiteta mais inspirada... a natureza.

Por ali andamos até à noite - nesta cidade que foi adotada por El Greco no final da sua vida - cabeças levantadas, olhos atentos entre um miradouro e outro e bocas hidratadas pelas muitas esplanadas. Com ou sem flash, as fotos desfilariam a cidade mais tarde. Já passava das dez quando degustamos algum presunto, pão e queijo manchego. Que epílogo melhor?

Espante-se o leitor, ainda se sentia algum calor quando partimos, já o relógio começava outro dia.



Figura 4: Toledo

Afastei a cortina que se esticava à porta para contemplar o crepúsculo matinal. A passada já parecia acordada há horas e fazia-se ouvir ruidosamente. O Parque Nacional de Monfragüe (Figura 5), é um paraíso de aves, incluindo-se o Grifo e o Abutre do Egito, facilmente observáveis entre os penhascos do ‘Salto del Gitano’ (Figura 6). De resto, esta área protegida é mesmo uma das áreas naturais de eleição para *bird watchers*, tendo sido declarada como Reserva da Biosfera (UNESCO) em 2003 e classificada como Zona de Proteção Especial da Rede Natura 2000 – Directiva Aves, sob a denominação *Zona de Especial Protección para las Aves (ZEPA) de Monfragüe Y Las Dehesas Del Entorno*.

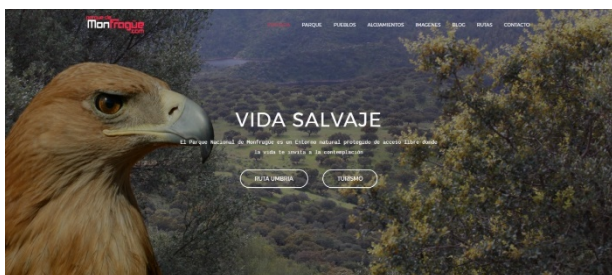


Figura 5: Website do Parque Nacional de Monfragüe - <http://www.parquedemonfrague.com>



Figura 6: Salto del Gitano - Monfragüe

Este é o dia do regresso. Entramos em Portugal por Valverde del Fresno, continuando até à fronteira portuguesa em direção a Penamacor, onde almoçamos, não sem antes subirmos ao alto do seu castelo para contemplar a paisagem beirã.

A digestão fez-se rumo ao inselberg de Belmonte – terra de Pedro Álvares Cabral e de Judeus - e por aqui não me demoro em descrições, pois o tempo escasseava e os viandantes não apreciaram devidamente estas paragens merecedoras de mais dedicação. Viramos agora para o último destino desta viagem, a altitude maior do continente português, entrando na serra por Manteigas e daí, porque é imperioso não evitar, pelo magnífico Vale do Zêzere, que integra o Inventário Nacional de Geossítios, onde se assume como “a mais importante geoforma glaciária” em Portugal (<http://geossitios.progeo.pt/>). Não tão alta e imponente como a Serra de Gredos, a nossa Estrela (5) não deixa de ser um pedaço granítico bem apreciável e, o que não acontece com a sua ‘hermana’ espanhola, acessível até ao topo... ao qual chegamos, já o dia adormecia na noite.



Figura 7: Torre, Serra da Estrela